arte (n.t.)

curadoria **ALINE DAKA**

artistas da edição

DIANE VICTOR [convite]

JULIA MARGARET CAMERON
[homenagem]

2°

Suplemento de Arte (n.t.) Revista Literária em Tradução 2°
ISSN: 2177-5141

(n.t.) | 2º

SUPLEMENTO DE ARTE
MARÇO/2011

CURADORIA	Aline Daka
EDIÇÃO	Gleiton Lentz
EQUIPE	Roger Sulis Fedra R. Hinojosa
ARTISTAS	Diane Victor (África do Sul) Julia Margaret Cameron (Inglaterra)

A (n.t.) É LICENCIADA NA CREATIVE COMMONS LICENÇA INTERNACIONAL 3.0
SOB ATRIBUIÇÃO USO NÃO-COMERCIAL DE OBRAS DERIVADAS.

Acervos virtuais consultados:
para a reprodução das obras de Julia Margaret Cameron: [www.dimbola.co.uk];
para a reprodução das obras de Diane Victor: [www.art.co.za/dianevictor].

www.notadotradutor.com/galeria

ISSN: 2177-5141

CONVITE

[Diane Victor]

Página | 4

HOMENAGEM

[Julia Margaret Cameron]

Página | 20

(n.t.

Convite

Diane Victor
Além da zona de conforto

Aline Daka

Como deslocar o ser humano do lugar de aparências e projeções que ocupa, e fazê-lo observar os frutos do que chama "ordem" na linha bamba de sua "humanidade"? Essa "ordem" que, em síntese, representa o conjunto de suas atitudes que formam seus sistemas de relações e conflitos. Como provocar seu olhar ao próprio entorno e fazê-lo observar aquilo que faz e aquilo que sofre ou a que está sujeito? Como fazê-lo prestar atenção em suas responsabilidades e dependências? Em Diane Victor esse olhar para si próprio é como o olhar para o outro. O outro que, por suposto, também é o eu. Como carregar, então, esta carga reflexiva e suportá-la? Diane reage e, de forma simbólica, transporta-a de volta ao mundo como exercício de investigação em arte.

As gravuras e desenhos de Diane.

Arte como exercício de catarse: exorcismos. Demônios de nossas irresponsabilidades e ironias amenizados? Uma espécie de ritual que nos oferece uma outra chance?

Diane realizou uma série de desenhos figurativos com chamas de vela. Com grande controle técnico, reproduziu realisticamente um conjunto de rostos trazidos do momento fatal, como imagens da morte. São rostos de pessoas que morreram atualmente na África do Sul vítimas da violência urbana, de atentados criminais. Intitula-se: "Mortes recentes". São cabeças flutuantes, fantasmagóricas, mas em vez de leveza possuem peso, sustentam uma densa carga de dor e realismos contendo uma vida delirante em cada aparição. Como se Diane trouxesse esses sobreviventes de volta aos lugares obscuros do subconsciente de nossa sociedade, para lhes devolver a expressão (e a nós, talvez, um retorno ou um acesso à própria sensibilidade).

Por meio dessas imagens, ela nos coloca em questão a responsabilidade humana para com a vida, e sob estado de choque, faz emergir uma espécie de culpa coletiva em uma sociedade que guarda a violência como articulação cotidiana de poder (mascarando suas atrocidades).

O fogo, que desenha as cicatrizes de uma situação urgente, conserva

suas metáforas como (auto) conhecimento. A artista, assim, parece experimentar com as simbologias dos materiais que utiliza para expandir seus meios de desenhar. As marcas de fuligem, as queimaduras do fogo e os traços da fumaça não são gravados nas telas, e a artista não utiliza nenhum meio para preservar o desenho no suporte. Essas imagens conservam sua vulnerabilidade a qualquer aproximação física ou intervenção do tempo. O desenho é efêmero e frágil como a presença humana no

Fumaça 6,
da série Mortes recentes (2006)

mundo. E susceptível, delimita a sua natureza perecível. A figura humana, sagrada, mas extenuada. Explícita em seus limites, sempre como paradoxo e inevitavelmente marcada por interações com o mundo. A imagem que surge investigada em toda sua matéria. Pele do desenho, pele dos sentidos, pele das representações, pele do mundo. Como se por meio da queima, ela pudesse devolver a memória, devolver a fala a esses rostos que, em contrapartida, dirigem-se semelhantes para os nossos.

Outras séries de Diane também são graves nos temas que abordam. Porém, ela diversifica os métodos, fazendo combinar o sentido de suas imagens com a técnica utilizada para elaborá-los. "Desastres da Paz" é uma coletânea de gravuras e desenhos iniciada em 2001 que reúne imagens sórdidas e de destruição sem concessões. Surgiu como resposta direta às notícias de atrocidades cometidas na África do Sul desde a mudança de regime em 1994.

Influenciada pelas gravuras de Goya, os "Desastres da Guerra", Diane ilustra horrores recorrentes, cometidos em uma época "de paz" em expressões gráficas como notas jornalísticas, que evocam o ritmo narrativo dos quadrinhos. O que soa como ficção é, na verdade, representação do impossível de acontecimentos trágicos do cotidiano. Misturando histórias verdadeiras, compõe quadros míticos. Drástica, com nítido humor negro e focalizando ironias, constrói cenas violentas, em que os personagens se degradam fisicamente e são submetidos a rituais de sofrimento como condição fatal. O corpo humano exposto ao caos de seu meio. A artista aponta a natureza humana em sua obscuridade, superando conceitos bipolares, tais como "opressores e vítimas" ou "bons e maus", todos sujeitos a ambiguidades.

Diane é uma artista sul-africana com uma forte identidade visual comunicante. Sem fingir respirar o que não é a imagem do seu tempo, ela vinga um estudo gráfico que surge para marcar as expressões do verossímil. Veracidades que vêm como loucura, como consequência, fatalidade e metáfora. Ela assume a gravi-

dade do nosso contemporâneo, confronta e explora os seus acidentes. Suas representações possuem fortes críticas sociais em seu conteúdo e trazem propostas técnicas pioneiras. Extremos, os desenhos gravados surgem como críticas figuradas, catalizadoras de contradições e remexem na aparência humana de maneira profunda e escandalosa, remoendo suas bases de sustentação. Sua obra faz um diagnóstico que supera problemas isolados que ocorrem na África do Sul e os transcende à condição humana. Nela, a humanidade está em questão, vai e vem como refém de sua própria coexistência.

Para uma exposição em 2003 chamada "Transcender", na Galeria Goodman, em Johannesburg, a artista apresentou uma série de imagens emblemáticas em obras de grande dimensão. Um conjunto de gravuras traz imagens revoltas de cavalos fora de controle sobrevoando cidades destruídas, ardendo em conflito, numa visão apocalíptica. As figuras humanas são perturbadoras, ora aparecem montadas ou amarradas nos animais em fúria ora se encontram no interior do próprio animal, como que geradas por ele. A presença humana no âmago desse animal gera inquietação e estranhamentos, e parece alertar para algo que nos une à natureza do animal, e nos solicita qualquer coisa num gesto silencioso. Essa série de gravuras mistura técnicas digitais e tradicionais forçando limites de impressão, gerando efeitos gráficos carregados de contrastes. Os densos negros dos animais e as sutilezas de detalhes das cidades em chamas formam combinações inesperadas para além do desconforto que instauram. Ações e conceitos vivos, complementares entre si.

Diane Victor, finalizando mais uma obra da série Retratos de Fumaça.

Diane encontra expressividade no caos do espírito humano, manifestado na imagem do seu corpo, do seu cotidiano e da sua relação com os demais. Enquanto a artista experimenta, figurações se insurgem como manifestos e técnicas alternativas expandem o olhar para desenho e o gravado. A artista plástica pode nos deixar perplexos com suas imagens construídas como indagação, pois ela realiza um trabalho que é a afirmação dessas possibilidades de reflexão em arte nos dias de hoje.

Diane Victor vive e trabalha na África do Sul, e atualmente está nos EUA realizando exposições e conferências sobre suas técnicas. A seleção de obras a seguir é uma pequena mostra das que estão correndo o mundo.

Mostra Virtual

Por Diane Victor

Modus operandi:
retratando transcendências

"Eu não posso simplesmente deixar que questões como raiva e angústia me isolem. Elas fazem parte do meu leque de escolhas e um elemento da minha consciência social é desejar sacudir as pessoas ou fazê-las dar um passo além de sua zona de conforto".

D.V.

4 cavalos atormentados, 2009
Gravura e impressão digital
Série Transcender

GOODMAN GALLERY

TAALATLAS 3

TAALATLAS 5

Boleeiro, 2009 (acima)
Garota Cabra, 2009
Carvão sobre papel
Série Afrikaanse Taalatlas

TAALATLAS 17

TAALATLAS 26

Meus pôneis do apocalipse, 2009 (acima)
Sem título, 2010
Carvão sobre papel
Série Afrikaanse Taalatlas

Desastres da Paz 1

Desastres da Paz 2

Justiça Cega, 2001 (acima)
Por que desafiar, 2000
Gravura e entalhe
Série Desastres da Paz

Goodman Gallery

DESASTRES DA PAZ 6

DESASTRES DA PAZ 8

Tão fácil como torta, 2000 (acima)
Blefe dos homens cegos 4 meninos em azul, 2000
Gravura e entalhe
Série Desastres da Paz

GOODMAN GALLERY

Dançarino, 2008
Cinzas de carvão

Sombra de um boxeador, 2009
Cinzas de carvão

Transcender V, 2010
Cinzas e pó de carvão
Série Transcender

Deuses manchados, 2004
Cinzas e pó de carvão
Série Deuses manchados

Nossa Senhora das Nódoas, 2010
Litografia com duas cores
Série Transcender

Fumaça 15

Fumaça 35

Fumaça 36

Fumaça 47

Fumaça em papel
Série Retratos de Fumaça, 2005

MICHAEL STEVENSON GALLERY

Consumidor violento, 1999
Pastel e carvão sobre papel

SANLAM ART COLLECTION

Consumidor violento, 1999
Pastel e carvão sobre papel

SANLAM ART COLLECTION

Consumidor violento, 1999
Pastel e carvão sobre papel

SANLAM ART COLLECTION

(n.t.

Homenagem

Julia Margaret Cameron
Da atemporalidade das fotografias sépias d'outrora

Aline Daka

O que é o Universal, que quando acontece sabemos reconhecê-lo para, em seguida, nele nos reconhecermos? Longe demais mas também perto demais... O encantamento das fotografias antigas: que fascínio nos reservam com seus aspectos de curiosidades e estranhamentos? Elas se fazem irresistíveis afirmando mudanças, perdas e testemunhando aos nossos desejos as nossas possibilidades de permanência? O que há nas fotografias de época que as tornam tão compreensíveis apesar de preservarem a imagem daquilo que já foi, marcando irrealidades e distâncias? Algum aspecto familiar naquilo que representam? O que pode ser reconhecido pelo imaginário? Aquilo que, em contrapartida, poderá facilmente estimulá-lo?

Podemos encontrar essas imagens em tom sépia em nossas memórias mais profundas, como num sonho, como num álbum de fotografias que, há muito guardado, registra alguma parte importante de nossas origens... como se pudéssemos, a partir delas, fazer um mapeamento, ainda que fragmentado, do passado, ao qual, de alguma maneira, sentimos pertencer e proceder... Mas será que poderemos corresponder plenamente às fotografias de outrora desde o lugar que estamos? Os contrastes, eles poderiam nos aproximar? Ainda que talvez não possamos descobri-las por meio de semelhanças estéticas no nosso cotidiano contemporâneo ou que não tenhamos conhecimento das histórias que elas possam representar: as fotografias de época se fazem surpreendentemente próximas. E, existe um lugar, onde imagens surgem vencendo a barreira do tempo, um lugar onde este diálogo atemporal é mantido, residência das expressões humanas. É onde encontramos a fotografia de Julia Margaret Cameron, seja pela inquietação imagética ou filosófica que a fotografia dela possa provocar... seja pela carga de sentimentos e grandezas humanas que possa despertar ou testemunhar.

De onde estamos para Cameron: possibilidades.

Uma fotografia antiga: veladuras como a pele de um mundo que gu-

arda seus segredos. Duas crianças se beijam apaixonadamente numa atmosfera etérea. Espantosa pureza em sensualidade. Corpo, mas espírito. Poderiam ser meninos, ou meninas, poderiam não pertencer a nenhum lugar, a tempo algum. As vestem caem ondulantes pelo gesto, como os cabelos. Seus corpos esmaecem pendidos pelo beijo, pela força simbólica dele. Morte? Talvez o aspecto antigo desse sentimento, os efeitos no tratamento da fotografia, a sua fronteira entre o real e o sonho atravessados pelo tempo nos remetam à Morte. Mas Cameron provavelmente estaria motivada pelo tema com o qual ela intitulou a foto:

"As rolinhas" (1864)
Arquivo (n.t.)

"As rolinhas". Duas rolinhas, símbolos bíblicos de amor devoto a Deus. A essência do tema é evocada pela fotografia que assegura seu diálogo e se abre a novas possibilidades. As fotografias de Cameron parecem ser motivadas por essa essência, transpondo o seu sentido particular. O amor. O amor que consegue ser pleno e humano. O humano que consegue ser espiritual. Compreendemos a verdade desse beijo nessa imagem. Podemos sentir de diversas maneiras suas emanações, mesmo em nosso tempo.

Se quisermos tocar os elementos que rondaram a realização da fotografia a fim de nos aprofundarmos para além das impressões que compõem o seu fascinante emotivo, póderemos, imaginativamente, chegar ainda mais perto de Cameron, assim, a partir dela, de onde acreditamos encontrá-la... A memória, refletida e re-inventada pela arte.

Síntese. Falamos de uma fotografia de técnica complexa, (al) química, manual, multi-instrumental e, por isso, constantemente sujeita a irregularidades ou experimentações. Trabalho que demanda largo tempo de exposição e de revelação, de manipulação — um tempo que não conhecemos, que parece que não sabemos mais esperar. Uma arte nova questionada enquanto arte: a fotografia e seus negativos que revolucionam os meios de reprodução geralmente instrumentalizados na gravura. Século XIX. O que viria a ser o Pictorialismo: a fotografia como pintura segundo padrões temáticos e de composição para elevar-se ao estatuto de Arte. Simbolismos: sensibilidade espiritual. Pré-Rafaelismo. Contemplação. Representação. Teatralidade. Artificialidade. Literatura. Ilustração. Metáfora. Melancolia. Drama. Tragédia. Morte. Morte enquanto poesia e beleza, enquanto transição e eternidade, enquanto alegoria dos poderes do espírito e de Deus. Vida enquanto dedicação do amor huma-

no. Caridade cristã. Relações. Romantismos. Inglaterra. Convenções de uma sociedade onde a família redescobre as suas hierarquias em meio às fábricas e as relações de interesse para com as colônias. Estrangeirismos. Para a mulher: a família, os filhos, os empregados, os amigos poetas, a casa. Todos disponíveis como modelos. A mulher que transforma a todos por meio da linguagem: na família as mulheres se convertem em madonas, empregadas tornam-se personagens femininas que se tornam protagonistas de obras literárias. As crianças viram anjos, metáforas do amor, da morte e da redenção. Os amigos poetas viram poesia. A casa que vira atelier... Estranhamentos. A mulher é re-interpretada, os mitos de compaixão surgem a partir dela, é dada a formação da sua própria leitura de mundo.

Cameron é hoje reconhecida como excêntrica precursora da fotografia artística, lembrada por imagens sensibilizadas pelos seus efeitos de uso de foco suave ou desfoque em algumas áreas, que contradiziam as regras técnicas de sua época. Suas escolhas giravam em torno de ilustrações alegóricas de conhecidas narrativas literárias e bíblicas, de retratos de personagens famosos da Era Vitoriana e de retratos íntimos de sua família. Poderemos observar em muitas fotografias uma arte performativa, aspectos fictícios, encenações. Todavia, esse trabalho concretiza um testemunho artístico que vai além da representação de personagens. Ampliando suas características, a fotógrafa supera o particular para transcender os destinos. Cameron consegue feitos grandiosos em registros de expressões de homens, mulheres e crianças, e muitas vezes em grupo. Em cada rosto retratado ela faz uma descrição profunda do caráter de suas emoções sem, com isso, reduzir suas imagens em apelações contemplativas. Pormenores do interior humano são revelados em plena penumbra. E dessa maneira, a fotografia passa a falar por meio de sensações, questionando a temporalidade dos seus valores.

Cameron com os filhos, Henry Herschel Hay e Charlie Hay

Tão longe, porém, da Era Vitoriana, ficamos entre o imaginar, entre a pesquisa biográfica, o conhecimento bibliográfico e o entender com os nossos modos... para com tudo isso poder justificar. Mas, justificar o quê? A fotografia? O quão perto? O quão misteriosamente perto ela está? Algumas artes conseguem isso: tocar. Superando as suas legendas. Algumas artes permanecem tal como parte de nossa natureza, necessárias ao sentir e ao conhecer, pungentes, com o seu poder de tradução, de comunicação,

de transcendência. O poder sugestivo dessas imagens é a força que elas exercem em nossas memórias, nós enquanto seres humanos saturados de imagens. Sabemos de tantas histórias, e estórias, contadas, lidas, vistas, vividas, desejadas... e em muitas delas poderemos encontrar Cameron.

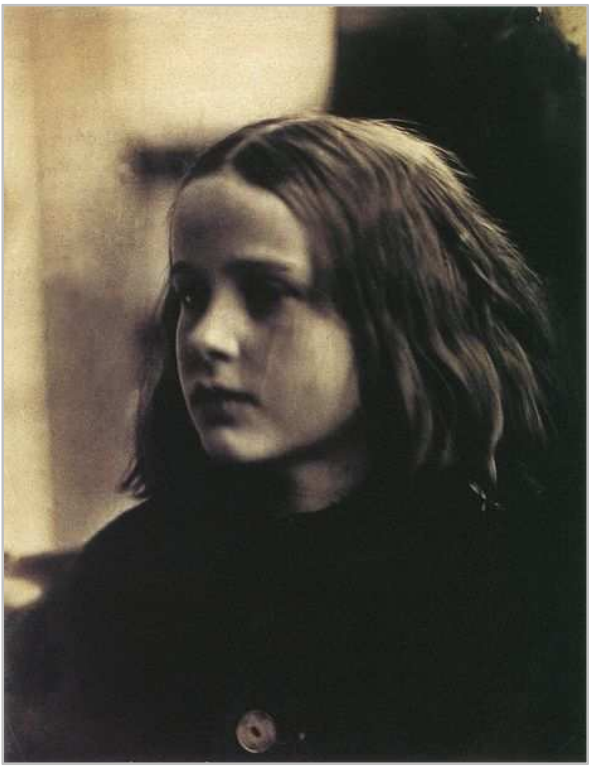
Mostra Fotográfica

Homenagem a Julia Margaret Cameron

De onde estamos para Cameron: possibilidades

"Minhas aspirações são para enobrecer a Fotografia e assegurar-lhe o caráter e usos da Grande Arte através da combinação do real e do ideal sem nada sacrificar da Verdade por toda a devoção possível à Poesia e à beleza."

J.M.C.



Annie, 1864

[Primeira fotografia de Cameron. Modelo: Annie Wilhelmina Philpot]

NATIONAL MUSEUM OF PHOTOGRAPHY, FILM & TELEVISION, BRADFORD

Beatrice, 1866

[Estudo para Beatrice Censi. Modelo: May Prinsep]

HULTON ARCHIVE, LONDRES

Dias de Água-doce, 1870

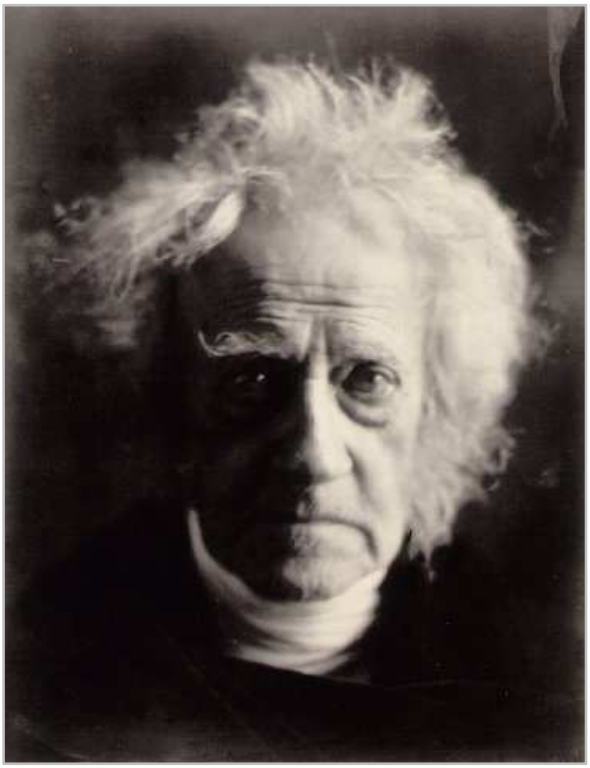
[Modelos: Claud Anson, Florence Anson e menino desconhecido]

THE MARJORIE AND LEONARD VERNON COLLECTION, LOS ANGELES

A Noviça e a Rainha, 1874

[Modelos: Alice Jessie Keown e Sra. Hardinge]

NATIONAL PORTRAIT GALLERY, LONDRES



O Astrônomo, 1867

[Foto do astrônomo e matemático inglês John Herschel]

HULTON ARCHIVE, LONDRES

O Diálogo, 1866

[Modelos: Mary Ann Hillier e May Prinsep]

NATIONAL MUSEUM OF PHOTOGRAPHY, FILM & TELEVISION, BRADFORD

Príncipe Alámayou, 1868

[Foto de Déjatch Alámayou, filho do Rei Teodoro da Abssinia]

HULTON ARCHIVE, LONDRES

Eu espero, 1872

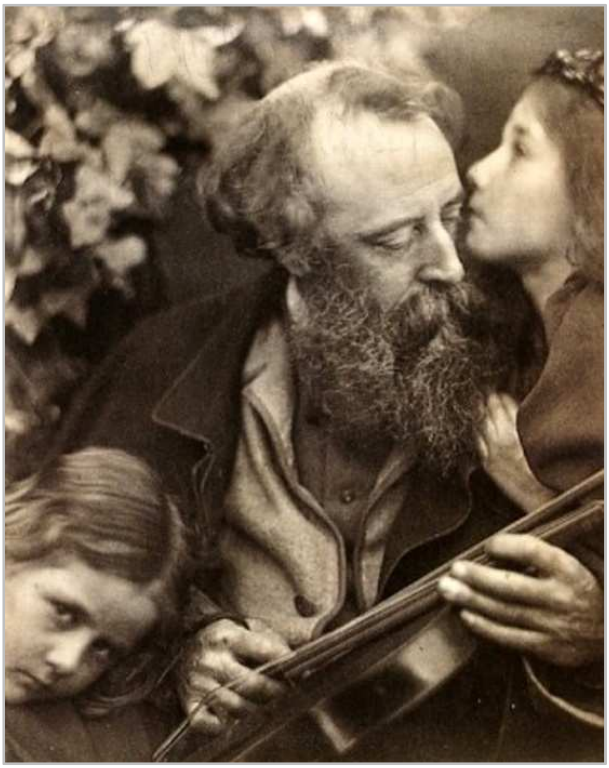
[Modelo: Rachel Gurney]

THE J. PAUL GETTY MUSEUM, LOS ANGELES

As rolinhas, 1864

[Modelos: Alice Jessie Keown e Elizabeth Keown]

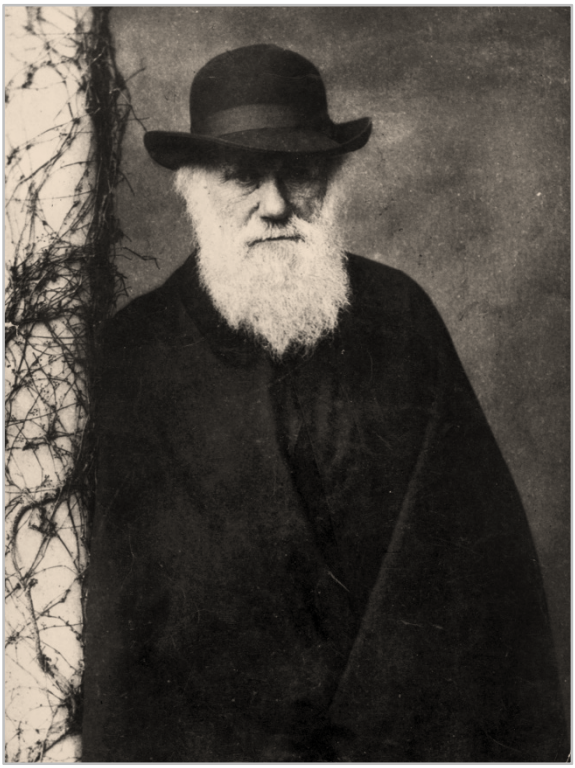
NATIONAL PORTRAIT GALLERY, LONDRES



O Sussurro da Musa, 1870

[Foto do pintor inglês George Watts]

HULTON ARCHIVE, LONDRES



Retrato de Charles Darwin, 1881

[Foto do naturalista britânico]

HULTON ARCHIVE, LONDRES

Vivien e Merlin, 1874

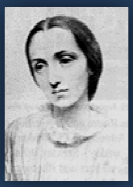
[Modelos: Agnes Mangles e Charles Hay Cameron]

SAINT LOUIS ART MUSEUM

(n.t.) | CURADORIA

Aline Daka dedica-se ao desenho, à ilustração de livros e escreve. Formanda em Artes Visuais pela UFRGS com passagem pela UFBAUL – Lisboa (2009-2010). Exposições coletivas no Brasil, em Portugal e na Espanha. Individual em Porto Alegre (2009). Atualmente trabalha na produção de uma exposição coletiva e prepara ilustrações/desenhos para três publicações brasileiras, uma HQ e dois livros, com lançamento para 2011.

[Diane Victor]
www.art.co.za/dianevictor



[Julia Margaret Cameron]
www.dimbola.co.uk

(n.t.)

www.notadotradutor.com/galeria